

# Um modelo histórico-cultural para a compreensão do adoecimento psíquico de homens gays negros brasileiros<sup>1</sup>

José da Silva Oliveira Neto<sup>1\*</sup>  Zulmira Áurea Cruz Bomfim<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Ceará - Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal de Ceará – Brasil

\*Autor de correspondência: [netooliveirapsi@gmail.com](mailto:netooliveirapsi@gmail.com)

## RESUMO

Homens gays negros são um grupo de risco para o desenvolvimento de problemas de saúde mental. Ao mesmo tempo, apesar disso, não existe muita preocupação na literatura com o desenvolvimento de modelos clínicos para o cuidado em saúde mental dessa população, o que expõe homens gays negros a práticas que aprofundam suas dores psicológicas. Considerando esse cenário, este estudo, baseado na Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski, objetivou construir um modelo teórico clínico para o atendimento de homens gays negros brasileiros em psicologia clínica histórico-cultural, tratando-se de um estudo de revisão narrativa de literatura. Nesse contexto, observou-se que a Psicologia Clínica Histórico-Cultural possui conceitos que permitem desenvolver um modelo clínico sensível às necessidades sócio-históricas por que passam homens gays negros brasileiros, não os compreendendo a partir de universalismos e generalizações a-históricas. Também se observou que os conceitos da teoria histórico-cultural são heurísticamente fortes para lançar bases de compreensão do adoecimento psíquico por que passam homens gays negros em uma sociedade racista e homofóbica. Por fim, sinaliza-se a necessidade de que haja mais esforços de pesquisa nesse campo a fim de os problemas de saúde pública que envolvem homens gays negros brasileiros sejam solucionados, com destaque para estudos empíricos.

## PALAVRAS-CHAVE:

Adoecimento psíquico. Homens gays negros. Psicologia clínica. Histórico-Cultural.

## ABSTRACT

Black gay men are a group at risk for developing mental health problems. At the same time, despite this, there is little concern in the literature with the development of clinical models for mental health care for this population, which exposes black gay men to practices that deepen their psychological pain. Considering this scenario, this study, based on L. S. Vigotski's Historical-Cultural Psychology, aimed to construct a clinical theoretical model for the care of black gay men in Brazil in historical-cultural clinical psychology, in the form of a narrative literature review. In this context, it was observed that Historical-Cultural Clinical Psychology has concepts that allow the development of a clinical model sensitive to the socio-historical needs of black gay men in Brazil, not understanding them from universalisms and ahistorical generalizations. It was also observed that the concepts of historical-cultural theory are heuristically strong for laying the foundations for understanding the mental illness experienced by black gay men in a racist and homophobic society. Finally, there is a need for more research efforts in this field in order to solve the public health problems involving black gay men in Brazil, with an emphasis on empirical studies.

## KEYWORDS:

Psychic illness. Black gay men. Cultural-Historical. Clinical Psychology.

## RESUMEN

Los hombres homosexuales negros son un grupo de riesgo para el desarrollo de problemas de salud mental. Al mismo tiempo, a pesar de ello, en la literatura no existe una gran preocupación por el desarrollo de modelos clínicos para la atención de la salud mental de esta población, lo que expone a los hombres homosexuales negros a prácticas que agravan su sufrimiento psicológico. Teniendo en cuenta este escenario, este estudio, basado en la psicología histórico-cultural de L. S. Vigotski, tuvo como objetivo construir un modelo teórico clínico para la atención de hombres homosexuales negros brasileños en psicología clínica histórico-cultural, tratándose de un estudio de revisión narrativa de la literatura. En este contexto, se observó que la psicología clínica histórico-cultural posee conceptos que permiten desarrollar un modelo clínico sensible a las necesidades sociohistóricas que atraviesan los hombres homosexuales negros brasileños, sin comprenderlos a partir de universalismos y generalizaciones ahistóricas. También se observó que los conceptos de la teoría histórico-cultural son heurísticamente sólidos para sentar las bases de la comprensión de la enfermedad psíquica que padecen los hombres homosexuales negros en una sociedad racista y homófoba. Por último, se señala la necesidad de que se realicen más esfuerzos de investigación en este campo para que se resuelvan los problemas de salud pública que afectan a los hombres homosexuales negros brasileños, con especial énfasis en los estudios empírico

## PALABRAS-CLAVE:

Enfermedad mental; Hombres homosexuales negros; Psicología clínica histórico-cultural.

**SUBMETIDO:** 8 de setembro de 2025 | **ACEITO:** 03 de dezembro de 2025 | **PUBLICADO:** 23 de dezembro de 2025

© ODEERE 2024. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de doutorado “Clínica histórico-cultural e processos de cura”, financiada pela CAPES, na modalidade bolsa de pesquisa (Doutorado), no período de 2022 a 2025, trazendo achados teóricos preliminares.

## Introdução

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é a perspectiva terapêutica fundamentada e resgatada do trabalho do psicólogo soviético L. S. Vigotski e de seus colaboradores, como A. Luria, A. Leontiev, B. Zeigarnik, D. Elkonim, dentre outros. Nessa perspectiva de pesquisa e intervenção, compreende-se que o ser humano é um sujeito eminentemente ativo em suas relações, constituído historicamente e capaz de transformar a realidade de que faz parte, de modo que, em um movimento dialético com o mundo, transforma-o à medida que atua sobre ele (LIMA; OLIVEIRA NETO, 2023).

É fundamental que se diga que a teoria histórico-cultural de Vigotski é proposta a partir de algumas bases filosófico-epistemológico-metodológicas, sendo duas delas as mais importantes, a saber: o Materialismo Histórico-Dialético de Karl Marx e a Filosofia dos Afetos de Baruch Espinosa (ESPINOSA, 2009; MARX, 2015). Em linhas gerais, enquanto o marxismo aporta o método histórico de compreensão dos processos humanos para a Psicologia Histórico-Cultural, a Filosofia dos Afetos de Espinosa convida Vigotski a superar as dicotomias clássicas presentes na psicologia hegemônica baseado na ideia de que cognição e afeto são extensões de uma mesma substância (TOASSA, 2014).

Esse modelo teórico privilegia aquilo que há de singular e histórico nos processos de desenvolvimento humano. Dessa forma, na perspectiva histórico-cultural, não se utilizam modelos interpretativos universais sobre o desenvolvimento, os quais sempre tomam como parâmetro, homens e mulheres brancos heterossexuais (OLIVEIRA NETO; LIMA, 2024). Entendendo que o ser humano é constituído pela cultura, a Psicologia Histórico-Cultural utiliza-se de um método investigativo histórico, o que permite mergulho em como o social sintetiza no ser humano, no universal e no singular, e como este transforma o social a partir de sua atividade no mundo.

Nesse fluxo de raciocínio, homens gays negros passam por experiências de preconceito e discriminação muito específicas ao longo de seu desenvolvimento psíquico, afetando sua subjetividade e saúde mental de múltiplas formas, dessa maneira, produzindo adoecimento psíquico (CROSBY *et al.*, 2016; DAWSON *et al.*, 2019). Utilizar teorias psicológicas brancas e heterossexuais – isto é o que vem sendo

feito ao longo da história da psicologia com populações minorizadas – é uma postura que incorrerá em erros no atendimento a essa população, causando, por exemplo, invisibilização de suas dores e, às vezes, aprofundamento de suas feridas psicológicas (PRESTES, 2020; VEIGA, 2022).

Este estudo é uma revisão narrativa de literatura, assim, amparados na literatura nacional e internacional sobre o tema, os pesquisadores selecionaram textos que ressoaram com sentido em sua análise sobre a questão, não objetivando esgotar e sistematizar todo o conhecimento sobre a área (ROTHER, 2007).

O texto está dividido em três seções de discussão, a saber: a) O paradigma histórico-cultural como contraponto às psicologias hegemônicas, em que se discutem as posturas do psicólogo clínico histórico-cultural tomando como base os fundamentos filosóficos, epistemológicos e políticos da teoria vigotskiana; b) Um modelo histórico-cultural do sofrimento psíquico de homens gays negros, em que se relacionou os conceitos da psicologia histórico-cultural ao desenvolvimento de desse público; c) A caminhada terapêutica com homens gays negros na clínica histórico-cultural, em que se propôs uma referência para o processo psicoterápico histórico-cultural desse grupo.

### **O paradigma histórico-cultural como contraponto às psicologias hegemônicas**

Insatisfeito com as psicologias de sua época, L. S. Vigotski propôs a construção de uma psicologia geral baseada no Materialismo Histórico-Dialético de Karl Marx, dessa forma sua proposta se concentrou em produzir reflexões e investigações psicológicas a partir das leis sócio-históricas que determinam a experiência humana. De acordo com o próprio autor, as correntes psicológicas de sua época tinham, sobretudo, duas características: ou eram idealistas ou eram mecanicistas (VIGOTSKI, 2004). Sobre as primeiras, Vigotski entendia que não nos bastava ficar em análises psicológicas que se ativessem à aparência das coisas ou a modelos universais de como se forma o psiquismo humano, características essas presentes nas perspectivas humanistas e na psicanálise. Quanto às segundas, o psicólogo soviético denunciava que a atividade humana não podia ser diminuída a esquemas estímulo-resposta, entendimento este presente nas perspectivas

comportamentais, segundo as quais o social é somente uma influência sobre o ser humano ao invés de sua gênese.

Nesse cenário, a Psicologia Histórico-Cultural é apresentada como contraponto a essas teorias, que figuravam e ainda figuram como o *mainstream* da ciência psicológica. Sua principal característica é o entendimento de que o ser humano, tal qual o conhecemos hoje, é constituído pela cultura e, assim sendo, não existe sem ela. Na verdade, seu desenvolvimento qualitativo e complexo acontece porque, ao longo da história, as gerações foram acumulando conhecimentos e ferramentas, os quais puderam ser transmitidos através da linguagem. O ser humano nessa abordagem é eminentemente ativo e transforma o mundo ao seu redor em uma relação dialética, ou seja, à medida que muda a realidade, esta o transforma, produzindo subjetividade (VIGOTSKI, 2008; BOMFIM; LIMA, 2024).

É importante sinalizar que a Psicologia Histórico-Cultural, apesar de originalmente pensada por homens e mulheres brancos e heterossexuais, diferencia-se historicamente das demais psicologias pelo conhecimento soviético não fazer parte do norte global. Conforme discutido em outro momento (OLIVEIRA NETO, 2022), a psicologia soviética sofreu processos de apagamento e silenciamento relacionados às disputas capitalismo e comunismo entre URSS e EUA, a qual encontrou seu ápice na Guerra Fria, que delegou ao conhecimento soviético um caráter muito parecido com o os saberes produzidos no sul global. Trata-se de uma teoria psicológica marginal e que nos dá um método psicológico que não submete pessoas negras à parâmetros de avaliação e intervenção pensados por e para pessoas brancas e heterossexuais (SHUARE, 2017).

Nesse sentido, defende-se que uma teoria produzida por pessoas negras e sexo-gênero-dissidentes se diferencia daquelas criadas por pessoas brancas e heterossexuais na medida em que não só exercita a fuga dos universalismos pretendidos pelo racismo e pela homofobia, mas também mergulha na singularidade do desenvolvimento psicológico de cada grupo, reconhecendo as leis psicológicas mudam a depender da situação social de desenvolvimento do indivíduo.

Para que não caiamos mais nas armadilhas psicológicas de teorias feitas por pessoas brancas e heterossexuais, precisamos mergulhar na compreensão de

alguns conceitos fundamentais da teoria histórico-cultural, sendo o primeiro deles a ideia de mediação. Na perspectiva histórico-cultural, compreendemos que a relação do ser humano com o mundo passou por um processo de transformação e mudança qualitativa profundo, de modo que, quando a cultura e a linguagem atravessaram nosso desenvolvimento, abandonamos o funcionamento mecânico de resposta a estímulos isolados para a capacidade de atribuir significado e sentido (VIGOTSKI, 2008).

Quando essa nova conexão se estabeleceu, deixamos de ter uma relação direta com mundo para ter uma relação indireta – ou melhor, em termos histórico-culturais, mediada. A mediação é a interposição de um elo intermediário na relação do ser humano com o mundo, de modo que esse elemento conector é a linguagem, a qual permite o ser humano representar, refletir e ter consciência sobre sua experiência no mundo. A título de ilustração, a mediação seria como uma ponte que conecta duas ilhas que estavam separadas, mas que juntas inauguram um novo tipo de experiência humana, conectada com a herança cultural produzida pelo humano e com a capacidade de simbolizar a cultura (LEONTIEV, 1978).

No caso da experiência do povo negro, a linguagem, assim como todo o desenvolvimento psicológico, ganha contornos diferentes. González (1984), por exemplo, defende, considerando a diáspora negra no Brasil, que a língua falada pelo povo negro não é o português da colônia, mas o pretuguês, uma rede semântica caracterizada pela sonoridade do banto e pelo modo de vida do povo africano, o que indica, em termos histórico-cultural, que a relação de mediação que se estabelece entre o negro e o mundo é eminentemente diferente da que o branco constrói em sua relação com a realidade. São outros elementos mediadores.

Nesse cenário, a relação do indivíduo com o mundo se torna ativa. Assim, nós seres humanos atuamos sobre a realidade transformando-a e, quando agimos sobre ela, dialeticamente ela nos modifica. Esse processo vai dando forma a um psiquismo cada vez mais complexo e capaz de operar novas formas de pensar, perceber, sentir e se emocionar. Em matéria de Psicologia Histórico-Cultural, chamamos de internalização o processo ativo de apropriação do mundo por parte do ser humano, transformando aquilo que é externo, que está no plano das relações sociais, em algo interno. Quando aquilo que é interpsicológico se torna

intrapsicológico, operam-se dinamicamente mudanças qualitativas em nossa consciência, processos tais que chamamos de conversão. A dialética internalização-conversão pavimenta nossos processos de subjetividade e produção de saúde mental (VIGOTSKI, 1994).

Como não relacionar as vivências interpsicológicas de racismo e homofobia, por que passam homens gays negros, aos desdobramentos negativos em sua saúde mental? Trata-se de uma discussão fundamental para pensarmos o adoecimento psíquico de homens gays negros, pois desloca nosso olhar do interno para o externo. Tradicionalmente, os problemas de saúde mental vêm sendo tratados como entidades internas, quase que com vida própria, quando, na verdade, cada um deles tem origem psicossocial (OLIVEIRA NETO; MOURA JÚNIOR, 2023). Percebemos que os conceitos da Psicologia Histórico-Cultural são ferramentas críticas para produzirmos uma compreensão contextualizada dos desafios de homens gays negros quanto a sua saúde mental na contemporaneidade (OLIVEIRA NETO *et al.*, 2022).

Dentre esses conceitos, também destacamos o de função psicológica, amplamente trabalhado por Vigotski em toda sua obra. As funções psicológicas são os mecanismos mentais que compõem o nosso psiquismo e que, a depender de seu nível de habilitação ou desintegração, contribuirão para um desenho de saúde mental mais ou menos saudável. Vigotski (2021) dedica boa parte de sua obra à discussão das funções psicológicas superiores e nos elucida algumas delas, como pensamento, linguagem, percepção, atenção, memória, formação de conceitos, emoções etc. De maneira geral, para o autor, as funções psicológicas, ao longo do nosso desenvolvimento cultural, passam do *status* de inferiores para superiores, sendo estas últimas caracterizadas por um funcionamento complexo, especificamente cultural.

Não é incomum encontrarmos na literatura nacional e internacional que trata sobre a saúde mental de homens gays negros, indicações de desorganização de suas funções psicológicas superiores, como o pensamento, a percepção, as emoções e o processo de formação de conceitos (OLIVEIRA NETO; MOURA JÚNIOR, 2023). Há estudos que evidenciam menor capacidade de pessoas negras de responderem de forma assertiva a situações de estresse no trabalho. Essa é uma realidade também de crianças e adolescentes negros em sua relação com a

polícia. Experiências semelhantes são percebidas na relação de homossexuais com o espaço público. Em todos esses casos, visualizamos como a base racista e homofóbica afeta o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de homens gays negros (COOK *et al.*, 2013; CROSBY *et al.*, 2016; DAWSON *et al.*, 2019).

Nesse esteio de compreensão, saúde mental é o conjunto de processos de desenvolvimento da personalidade, de maneira que não há divisão entre cognição e afeto, mente e corpo, subjetivo e objetivo, dentre outros binômios sustentados pela ciência cartesiana (VIGOTSKI, 2000). Assim, defende-se neste estudo que pensar uma Psicologia Histórico-Cultural com foco nos problemas enfrentados por homens gays negros significa delimitar saúde mental como os desenhos da personalidade, os quais são construídos no seio da cultura, na relação com os pares, com a linguagem e com as ferramentas – os quais, ao se tratar de homens gays negros, estão embebidos pelo racismo e pela homofobia.

A forma como nossas funções psicológicas funcionam configuram formas de conduta, comportamento e atividade. Assim, se nossas funções superiores estão rígidas ou desintegradas, provavelmente continuaremos a ter padrões de conduta que gerarão adoecimento psíquico em vez de saúde mental, pois nossa configuração de atividade está reificada e enrijecida. Em uma mirada histórico-cultural, entendemos ser necessário que haja processos de internalização mais saudáveis para que as conversões contribuam para o desenvolvimento saudável ao invés do adoecimento psíquico; assim como uma mudança na atividade psicológica do indivíduo, para que, em suas vivências, seja capaz de produzir sentidos saudáveis sobre si e o mundo e, dessa maneira, rompa com os limites impostos historicamente pelos processos psicossociais de violência.

A Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski é uma psicologia concreta. Ela realiza o debate sobre a saúde mental não só de forma contextualizada, mas histórica, tomando o social como origem da própria experiência de subjetividade humana, assim olhar para os elementos mediadores de racismo e homofobia presentes na vivência de homens gays negros como o ponto de partida desses sujeitos no modelo de sociedade em que vivemos é garantido nessa perspectiva. Ademais, ferramentas conceituais como mediação e função psicológica superior surgem como alternativas para a construção de um modelo psicossocial para a compreensão do adoecimento psíquico de homens gays negros não encontradas

nas teorias psicológicas tradicionais, as quais focam o problema no indivíduo em vez de analisar suas raízes históricas e sociais.

### **Um modelo histórico-cultural do sofrimento psíquico de homens gays negros**

A partir dos achados preliminares de nossa pesquisa de doutorado “Clínica Histórico-Cultural e processos de cura: um estudo intervenção com homens gays negros brasileiros”, entendemos que a Psicologia clínica Histórico-Cultural, para o entendimento crítico, histórico e contextualizado do sofrimento psíquico de homens gays negros, deve se amparar em construções da psicologia soviética que surgem das aplicações dos conceitos e do método vigotskianos a áreas específicas de investigação na psicologia. São três as teorias que, em nossa análise, para além dos conceitos de Vigotski já apresentados, devem compor um modelo clínico histórico-cultural voltado para homens gays negros, brasileiros, a saber: a Neuropsicologia Histórico-Cultural, a Teoria da Atividade e a Patopsicologia.

Realiza-se essa defesa por se entender, pelo já discutido anteriormente acerca do lugar histórico que a psicologia soviética tem ocupado na produção do conhecimento, que se trata de uma psicologia não homogeneizante. Ademais, considerando a metodologia vigotskiana, Luria (2010), ao se debruçar sobre o processo de formação das funções psicológicas superiores de regiões rurais e não alfabetizadas da até então União Soviética, descobre e defende que não existem leis gerais para explicar o psiquismo, raciocínio que aqui se aplica aos processos de desenvolvimento de homens gays brasileiros, que possuem um psiquismo singular.

Em sua pesquisa, Luria questionou os universalismos presentes na Psicologia da Gestalt, que defendia que, independente da realidade sócio-histórica, a função mental da percepção sempre seguiria certas leis (boa forma, continuidade etc.), o que se provou inverídico quando Luria e sua equipe de pesquisa realizaram experimentos de reconhecimento de formas geométricas com o povo soviético rural e não alfabetizado. Assim, a Psicologia clínica Histórico-Cultural se apresenta como uma possibilidade contextualizada e não mutiladora das subjetividades negras e homossexuais singulares.

Avançando no entendimento das três teorias ou disciplinas que fazem parte da Psicologia clínica Histórico-cultural, é importante que se diga sobre a primeira

delas, a Neuropsicologia Histórico-Cultural, que era desenvolvida por A. R. Luria, discípulo de Vigotski e considerado pai da neuropsicologia, ciência que se dedica à compreensão da relação entre cérebro e comportamento. Luria revisita as compreensões existentes em sua época acerca do desenvolvimento cerebral, tomando em relevo que o cérebro é um órgão extra cortical, o que significa que ele se modifica – ou melhor –, é determinado pelas condições sócio-históricas em que está inserido um dado indivíduo. Assim, o encéfalo humano deixa de ser visto como uma entidade imutável, quase que inflexível, para ser concebido como um órgão que se constitui a partir da nossa relação com a cultura, com os instrumentos, com os signos e com os nossos pares (LURIA, 1981). Esse olhar sobre a relação entre cérebro e comportamento surge a partir dos postulados de Vigotski acerca do funcionamento sistêmico do nosso cérebro e de nossas funções psicológicas superiores, que são históricas e mediadas pela cultura (VIGOTSKI, 2004).

Tais considerações apresentam um significativo avanço para a compreensão das demandas clínicas de homens gays negros, porquanto sinalizam que as alterações químico-cerebrais vivenciadas por estes, ao serem expostos a episódios sistemáticos de homofobia e racismo, não possuem, na maior parte do tempo, causas endógenas, mas sim exógenas e eminentemente sociais. Luria (1981) avança nos explicando que o psiquismo humano é organizado em sistemas funcionais, os quais agrupam as funções psicológicas superiores e que, por sua vez, funcionam de forma interdependente, contrariando perspectivas sobre o desenvolvimento cerebral que conceituam o cérebro como um órgão dividido em módulos, os quais seriam responsáveis por uma função específica. O neuropsicólogo soviético nos presenteia com chaves para uma compreensão histórica e interpessoal do desenvolvimento do cérebro, inclusive do funcionamento neuropsicológico de homens gays negros, os quais estão expostos a fatores de neurodesenvolvimento muito específicos (LAISATIS, 2009; PEREIRA; GALONI; RIBAS, 2023).

Apesar de seu apelo para o entendimento sócio-histórico dos processos humanos, a Psicologia clínica Histórico-Cultural se caracteriza por ser uma proposta integral sobre a gênese do psiquismo, dessa forma afirma a existência de uma base biológica a partir da qual iremos nos desenvolver socialmente, mas que tem as suas próprias leis, as quais, nesse sentido, devem ser particularmente estudadas a fim de

que possamos entender todos os vetores que estão contribuindo, em um dado momento, para com a produção de adoecimento psíquico. Em um dos seus muitos estudos de campo, Luria (1986) nos mostra que o desenvolvimento cerebral varia ainda de acordo com as estimulações culturais que recebemos, assim se não há necessidade cultural para que o cérebro se desenvolva em certas direções, ele não irá se desenvolver.

Isso nos explica a gênese da dificuldade de autorregulação emocional comumente observada em homens gays negros diante de situações de estresse, como os próprios enfrentamentos da homofobia e do racismo. Socialmente, é esperado que pessoas minorizadas lidem assertivamente, mesmo diante da violência, com microagressões e violências pelas quais passam. No caso de homens gays negros, é-lhes negada a possibilidade de desenvolvimento dos recursos psíquicos de autorregulação, porquanto, desde a mais tenra idade, a violência atua no sentido de cindir sua capacidade de equilibrar cognição e afeto, o que costuma se manifestar em explosões diante das situações já descritas (OLIVEIRA NETO *et al.*, 2022).

A Psicologia clínica Histórico-Cultural, amparada na Neuropsicologia Histórico-Cultural desenvolvida por A. R. Luria, olha para o desenvolvimento cerebral, que é base para o surgimento da subjetividade e da construção da personalidade humana, como um processo histórico-cultural, e isso tanto no sentido de afirmar a história de desenvolvimento de cada indivíduo que está em situação de sofrimento psíquico, como na perspectiva de que as condições sócio-históricas em que o indivíduo se desenvolve possam ser limitadoras ou potencializadoras de um desenvolvimento neuropsicológico saudável. Entretanto, a clínica vigotskiana não embasa suas reflexões somente a partir de como o cérebro humano se desenvolve, mas também no entendimento de que a conduta humana é ativa e, à medida que agimos sobre a realidade, ela nos transforma.

Como já expresse anteriormente, a Psicologia Histórico-Cultural é uma teoria psicológica fundamentada no materialismo histórico e dialético de Marx e Engels, assim se baseia em conceitos e estratégias metodológicas do marxismo para propor suas próprias categorias e formas de investigação. Uma dessas consequências epistemológico-conceituais é o conceito de trabalho. De acordo com Marx (2015), o que diferencia o ser humano das demais espécies é o trabalho,

que é a capacidade de transformação da natureza por parte do humano, sendo ele também que faz com que passemos do reino das necessidades para o reino da liberdade. É através do trabalho que nos subjetivamos e nos tornamos quem somos. Como uma extensão do conceito marxista de trabalho, a psicologia soviética nos apresenta o conceito de atividade.

Para precisar o conceito, Leontiev (1978) define a atividade psíquica como o processo de ação dos seres humanos sobre o mundo a partir dos instrumentos e dos signos, ideia derivada dos postulados de Vigotski. É a partir da atividade, que é nossa ação de transformação da realidade, que construímos a nossa personalidade, bem como os motivos e as necessidades que são base e mola propulsora para a atividade psíquica. A atividade humana é sempre intencional, causada pelos motivos e pelas necessidades que desenvolvemos ao longo da nossa experiência de desenvolvimento, de modo que, nessa relação com a cultura, nossas necessidades deixam de estar dirigidas estritamente à satisfação de impulsos elementares, como a fome, o sono e o alívio sexual, para motivos culturais especificamente complexos, assim hoje temos necessidade de sermos amados, de proteção em seu sentido mais subjetivo ou de uma comida específica.

Chamamos de Teoria da Atividade as contribuições desenvolvidas por Leontiev (2021) a partir do trabalho de Vigotski acerca da conduta humana e seus fatores motivadores. Vertendo um olhar mais específico para a clínica, a Psicologia clínica Histórico-Cultural se beneficia bastante das discussões sobre a atividade quando pensa os processos de adoecimento mental e os enfrentamentos vividos por homens gays negros, pois a Teoria da Atividade nos permite ter uma categoria de análise mínima – a atividade – para compreender os desdobramentos comportamentais dos indivíduos. No caso de homens gays negros, por exemplo, toda a árvore conceitual da teoria de Leontiev nos possibilita enxergar a base concreta e social em que pessoas minorizadas se desenvolvem, assim entendemos como intervir sobre a atividade psíquica de homens gays negros, ampliando suas ações e operações, bem como revistando as necessidades e os motivos que estão na sua base (LEONTIEV, 1978).

Na clínica histórico-cultural, compreender a atividade psíquica de homens gays negros é a chave para o entendimento do desenvolvimento de sua personalidade. Vigotski (2010) entende a personalidade como um sistema formado

pela síntese dos nossos encontros com o mundo, assim, a depender da qualidade dos encontros que temos, podemos desenvolver uma personalidade mais ou menos saudável. No caso de homens gays negros, a relação com a realidade é mediada pelo racismo e pela homofobia. Dessa forma, as necessidades e os motivos que estão na base de sua atividade psíquica costumam estar inclinados para a autopreservação, busca pela afirmação do outro e identificação com o algoz, para citar algumas das mudanças que o racismo e homofobia produzem na configuração da personalidade de homens gays negros (COOK *et al.*, 2013).

É importante salientar que, apesar de se subjetivarem em suas dores psicológicas de racismo e homofobia, homens gays negros têm desenvolvido ao longo da história estratégias de resistência cobertas de criatividade, aspecto este que será mais bem explorado quando se discutirem doravante as noções de quilombo clínico, afrofuturismo e processos de cura (HARTMAN, 2022).

Por fim, somando-se a essa discussão, apresentamos uma última disciplina derivada dos estudos vigotskianos para a construção de uma clínica que sirva para o desenvolvimento de uma atuação ética e contextualizada com homens gays negros: a Patopsicologia. Tendo por mentora a psicóloga soviética Bluma Zeigarnik, a Patopsicologia é a disciplina da Psicologia Histórico-Cultural que estuda o desenvolvimento irregular, que aqui significa toda forma de existência no mundo que provoque sofrimento ou obstáculos importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Zeigarnik (1981) entende que o adoecimento mental – desenvolvimento irregular – se dá pelo fato de haver uma inversão na hierarquia de necessidades e motivos que sustentam a atividade psíquica do paciente. Quando isso ocorre, para a autora, toda a estrutura da atividade adocece: motivos, necessidades, ações, operações e personalidade. Nesse caso, será papel do psicólogo clínico histórico-cultural organizar mediações e intervenções que promovam a produção de motivos e necessidades saudáveis.

Se a Psicologia clínica Histórico-Cultural tem nos estudos e postulados desenvolvidos por Vigotski base para pensar no desenvolvimento saudável, é na Patopsicologia que encontramos respostas mais elaboradas para pensar o desenvolvimento irregular. A intenção da patopsicologia é observar o desenvolvimento de perto, de forma qualitativa, afastando-se, inclusive, da descrição fenomenológica proposta pela psiquiatria. Essa análise qualitativa abre

espaço para desenvolvermos também de forma qualitativa experimentos que permitam o paciente solucionar, com nossa ajuda e ferramentas, os embates vivenciados no cotidiano, dentre eles a homofobia e o racismo estruturais, e isso tanto na esfera intrassubjetiva como na intersubjetiva, afinal os prejuízos do racismo e da homofobia podem ser observados nas duas dimensões, que são, na perspectiva histórico-cultural continuidade uma da outra e interconectadas (ZEIGARNIK, 1979).

Neuropsicologia Histórico-Cultural, Teoria da Atividade e Patopsicologia são três disciplinas desenvolvidas pelos seguidores de Vigotski que compõem um modelo para atuação clínica histórico-cultural e auxiliam psicólogos clínicos histórico-culturais na compreensão integral do humano, permitindo que criemos cenários e intervenções contextualizados para o sofrimento psíquico de populações minorizadas, como homens gays negros. Entretanto, resta ainda que nos perguntemos quais são as especificidades da clínica histórico-cultural na atuação com homens gays negros e se existem ideias específicas desenvolvidas para o trabalho com esse público a partir dessa lente teórica.

### **A caminhada terapêutica com homens gays negros na clínica histórico-cultural**

A atuação com homens gays negros precisa ser diferente do que a psicologia tem proposto, pois suas múltiplas sugestões acabam por ser adaptacionismos, que ferem as raízes sociais do desenvolvimento mental dessa população, o que já discutimos anteriormente (VEZZOSI *et al.*, 2019). Precisamos ter consciência de que a psicologia é uma ciência desenvolvida a partir dos crivos da branquitude e da heteronormatividade, por isso, em linhas gerais, suas categorias e suas intervenções pouco servem para o cuidado com populações minorizadas, como homens gays negros, que enfrentam dificuldades específicas relacionadas à diáspora africana e à heteronormatividade (PAVELTCHUCK; BORSA, 2020).

Trata-se neste estudo de branquitude e heteronormatividade nas perspectivas apontadas, respectivamente, por Ribeiro (2019) e Borrillo (2010). À revelia dos mecanismos específicos descritos pelos autores acerca de cada uma dessas construções compulsórias e homogeneizantes, os autores explicam que branquitude e heteronormatividade são sistemas em que pessoas brancas e

heterossexuais são consideradas superiores, em todas as esferas, a pessoas negras e não heterossexuais. Para isso, esses sistemas criam cognições, desmontam políticas públicas de acesso e fragilizam os vínculos psicossociais de pessoas negras e não heterossexuais ao longo de toda sua vida e, de forma estrutural, em vários campos como saúde, educação, segurança pública, oportunidades de trabalho, dentre outros.

Em nossa análise, essas concepções só podem ser superadas quando entendemos a psicoterapia como um processo colaborativo e horizontal, do qual participam psicoterapeuta e paciente, mas longe da perspectiva de que o psicólogo clínico detém todo o saber. E não poderia ser diferente, pois, para trabalharmos com o sofrimento histórico e ancestral de homens gays negros, precisamos antes de tudo reconhecer que eles já têm produzido estratégias e tecnologias de autocuidado e intercuidado nos últimos séculos, afinal, em um contexto que não foi criado nem pensado para eles, homens gays negros precisaram sobreviver, resistir e existir (SILVA; CARNEIRO, 2023). Nesse sentido, temos encontrado alternativas no conceito de caminhada terapêutica.

A caminhada terapêutica consiste no movimento dialético de cuidado que se estabelece entre psicoterapeuta histórico-cultural e paciente orientado por objetivos terapêuticos construídos por ambos nos encontros que a clínica promove (OLIVEIRA NETO, 2025a). Este é um conceito criado a partir das pesquisas sobre acompanhamento psicossocial, segundo as quais, muito mais que construir protocolos rígidos e inóspitos de tratamento, o papel do psicoterapeuta deve ser o de se colocar junto do paciente enquanto trilha o caminho de recuperação de seu sofrimento mental (WATKINS, 2015). Assim, a caminhada terapêutica é um espaço simbólico e relacional compartilhado pelo psicoterapeuta histórico-cultural e seu paciente em que o primeiro dispõe de estratégias com foco na promoção de desenvolvimento, transformação e autonomia do segundo, enquanto este divide suas vivências com o psicoterapeuta histórico-cultural, que as organize e intencionalmente direciona.

A Psicologia clínica Histórico-Cultural se mostra promissora para realizar um debate fincado na história social do homem gay negro tendo em vista que sua proposta é de superar seu próprio repertório de estratégias incorporando as tecnologias de autocuidado e intercuidado que tanto a população negra como

a população LGBTQ+ desenvolveram no enfrentamento ao preconceito e à discriminação em seus múltiplos contextos de vida. São muitas as pesquisas que mostram os amplos impactos que homens gays negros sofrem em seu cotidiano, o que implicou na necessidade de fortalecimento comunitário e construção de ciclos sociais que apoiassem o desenvolvimento mínimo de suas identidades (SOARES, 2021). O trabalho clínico histórico-cultural a partir da perspectiva da caminhada terapêutica nos oferece o primeiro instrumento para nos colocarmos de forma dialógica, dialética e colaborativa com homens gays negros, não só escutando suas estratégias e experiências, mas revisitando todo o nosso conhecimento a partir de seus modos de vida, como bem explica Rey (2006).

Os achados parciais de nossa pesquisa “Clínica Histórico-Cultural e processos de cura: um estudo-intervenção com homens gays negros brasileiros” têm indicado categorias de análise importantes para a construção da caminhada terapêutica com homens gays negros, a saber: *quilombo clínico*, *afrofuturismo* e *processos de cura*. Essas perspectivas dialogam coerentemente com o conceito de caminhada terapêutica. Para compreender melhor, imagine duas pessoas trilhando um caminho cujo destino é a promoção de saúde mental. Nessa relação, cada uma dessas pessoas detém uma mochila. A primeira delas contém tudo que será necessário para que a caminhada seja possível (água, calçados apropriados, bússola etc.), enquanto a segunda delas contém experiências e vivências que, por serem dolorosas e pesadas, tornam a caminhada mais difícil. A ideia é que, ao longo da caminhada, o psicoterapeuta ofereça as ferramentas para que o paciente consiga trilhar a caminhada e sinalize os momentos de descanso e avanço, afinal a caminhada terapêutica se constitui na dialética movimento-reposo (OLIVEIRA NETO, 2025b).

O espaço da psicoterapia é branco, assim como seus referenciais para pensar desenvolvimento, saúde mental e intervenções (GOUVEIA; ZANELLO, 2019). Para o trabalho com homens gays negros, precisa haver um redirecionamento desses referenciais, assim a psicoterapia precisa ser calcada em elementos mediadores conectados com a construção identitária de pessoas negras e LGBTQ+, tomando o negro homossexual como referência para pensar saúde mental e desenvolvimento psíquico. Um conceito com o qual nos deparamos e que entendemos poder nos ajudar nesse sentido é o de quilombo clínico. De acordo

com Santos (2015), quilombo é uma entidade simbólica que transcende o espaço físico organizado durante a Colônia e o Império para se fugir da escravização cometida pelos brancos. Nesse sentido, quilombo são lugares físicos e/ou relacionais em que os modos de vida da comunidade negra, suas tecnologias ancestrais e seus corpos são celebrados e potencializados ao invés de perseguidos e enfraquecidos. Um detalhe importante é que quilombos só podem ser construídos por pessoas negras, nunca por indivíduos brancos.

Por que essa ideia é importante para uma clínica histórico-cultural que se volta para o homem gay negro? Porquanto a psicoterapia é um espaço de cuidado historicamente racista e embranquecido. Há estudos que indicam que, salvo raríssimas exceções, psicoterapeutas brancos não possuem habilidades multiculturais desenvolvidas para o atendimento a pessoas negras, o que se agrava quando pensamos interseccionalmente, pois homens gays negros, além de sofrerem a violência psicossocial do racismo, sofrem homofobia, tema este último também denunciado em pesquisas sobre o manejo do sofrimento mental da população LGBTQ+ por psicoterapeutas heterossexuais (DAMASCENO; ZANELLO, 2022; FARIAS; FALCKE; SERRALTA, 2024; FERREIRA *et al.*, 2022). Entendendo que o quilombo se organiza simbolicamente e nas relações, resgatamos um avanço conceitual presente na literatura, o conceito de quilombo clínico.

De acordo com Chaveiro (2023), no atendimento à pessoa negra, aqui no caso o homem gay negro, a psicoterapia deve se tornar um quilombo clínico, o que significa que o cenário terapêutico deve ser um *locus* do qual o indivíduo consiga se apropriar a partir da partilha de elementos de uma vivência afrocentrada, de modo que o psicoterapeuta não só não deslegitime as feridas psicológicas oriundas do racismo e da homofobia, mas afirme a existência do homem gay negro a partir de suas próprias referências. É nesse sentido que apontamos que muito raramente essa relação poderá ser entre um(a) psicoterapeuta branco(a) e um paciente gay negro, porquanto pessoas brancas, assim como indivíduos heterossexuais, aprenderam a se ver como o centro do mundo, ou seja, estão tão autocentrados e focados nas suas próprias experiências e referências, que se tornam incapazes de construir quilombos, como revelam os

estudos sobre branquitude e seus pactos narcísicos para manutenção da invisibilização racial e universalização da branquitude (CARONE; BENTO, 2017).

A perspectiva histórico-cultural acolhe devidamente a noção de quilombo, pois suas bases metodológicas, como descreve Luria (1986) em pesquisas de caráter etnográfico desenvolvidas junto com Vigotski, levam-nos a mergulhar no que há de mais específico e qualitativo da história social do desenvolvimento de um povo, comunidade ou indivíduo. Assim, o quilombo clínico aparece como uma estratégia metodológica – ou melhor dizendo, ferramenta – a ser incorporada à prática clínico-psicoterápica de base histórico-cultural. Nesse novo tipo de relação clínica, homens gays negros podem, longe da bússola da heteronormatividade e do racismo, se desenvolverem de forma integral, podendo construir novos referenciais de estética, usufruir de uma relação terapêutica afrocentrada e horizontal, bem como viver livremente no cenário terapêutico sua ancestralidade, religião, história etc.

O quilombo clínico, como ferramenta metodológica histórico-cultural, nos conecta ainda com os processos de criação da comunidade negra interseccional (LORDE *et al.*, 2019). Geralmente, quando a literatura científica aborda o desenvolvimento ou a história do povo preto, ela o faz a partir das categorias de sofrimento, como o racismo (IGNÁCIO; MATOS, 2020). Apesar de pessoas negras estarem submetidas ao sofrimento psicológico fruto do racismo estrutural, essas mesmas pessoas são capazes de criar, só esqueceram que podem: e esta é uma das consequências da intersecção entre racismo e homofobia, fazer com que homens gays negros se esqueçam da sua potência. No caso de homens gays negros, muitas são as aprendizagens relacionadas à sua não capacidade de realizar coisas, construir relações saudáveis, desenvolver uma autoimagem positiva, viver sua espiritualidade sem discriminação, dentre outros desafios bastante comuns das vivências de pessoas negras e homossexuais (GONÇALVES; MARQUES-GARCIA, 2002).

O homem branco heterossexual e a mulher branca heterossexuais, fundamentados na branquitude e seus pactos narcísicos, precisam que o povo negro esqueça da sua potência, pois esta é a primeira rachadura na personalidade de uma pessoa negra para que práticas de domínio, exploração e violência sejam naturalizadas. E é um funcionamento curioso, pois primeiro eles

fazem o povo negro desacreditar e ter uma visão deturpada sobre o que criam e imaginam, e, depois, produzem e se apropriam dos seus processos de criação e imaginação, tornando-os fetiches, produtos e totens guardados nos seus museus, que muito mais são retratos do roubo e do estelionato os quais ontologicamente lhes são comuns e naturais (BUENO, 2019).

Em matéria de Psicologia Histórico-Cultural, nós sabemos que Vigotski dedicou tempo e espaços significativos para o tema da criatividade e da imaginação. O psicólogo soviético as trata como funções psicológicas superiores, o que significa que seu desenvolvimento está submetido às leis sócio-históricas que consubstanciam a história de um povo ou grupo. No caso do povo preto e de homossexuais, são muitos os relatos de que, para sobreviver, esses grupos necessitam se organizar de forma coletiva, afastando-se dos modos de vida individualista e oportunista de grupos brancos e heterossexuais (VEIGA, 2018). Nesse cenário, queremos chamar atenção para o fato de que essa tradição comunitária é fonte para o desenvolvimento dos processos de criação e imaginação de homens gays negros, ou seja, o lugar a partir do qual pensam, sentem, criam e imaginam é ontologicamente e qualitativamente diferente.

Somando-se a essa discussão, apresentamos outro conceito que, na nossa prática clínica com homens gays negros, surge para revisitar a clínica histórico-cultural: o conceito de afrofuturismo. Em conformidade com Freitas e Messias (2018), afrofuturismo é um movimento artístico e estético que ganha força nos Estados Unidos na segunda metade do século XX a partir da experiência e das referências do povo preto. Seu objetivo é resgatar a história do povo preto a partir da concepção de potência ao invés das memórias da dor. Como já discutimos anteriormente, reafirmamos as feridas coloniais e históricas de homens gays negros, entretanto reconhecemos que suas vivências extrapolam a dor, existe um movimento de saúde e resistência que precisa se tornar central nas discussões sobre a saúde mental da população negra, interseccional ou não. A ideia de afrofuturismo é um convite para mergulharmos nessa potência.

Por meio das múltiplas linguagens da arte (música, artes plásticas, cinema etc.), o movimento afrofuturista nos convoca a pensar um futuro preto de superação, em que pessoas negras, em suas múltiplas experiências de interseccionalidade, são suas próprias referências estéticas e organizam sua vida

política a partir dos valores comunitários e éticos pré-diaspóricos. Nesse ínterim, junto aos aspectos da memória, é importante também considerar a força terapêutica e estética presentes na distopia, utopia, fabulação, dentre outros mecanismos comuns como práticas de resistência da população negra (SANTOS; SANTOS, 2023).

Nesse esteio de reflexão é que assentamos a atuação clínica histórico-cultural: a psicoterapia histórico-cultural precisa ser um *locus* onde as mediações clínicas sejam organizadas intencionalmente para que homens gays negros tenham referenciais negros-homossexuais ao invés das perspectivas do homem branco heterossexual e da mulher branca heterossexual. Cabe ainda por em foco que uma clínica contextualizada nos processos de desenvolvimento de homens gays negros não se esgota somente na pluralização das referências mencionadas, senão também na construção de estratégias de enfrentamento à branquitude, uma vez que negritude e branquitude são identidade dependentes à medida que o branco heterossexual cria o outro (WOODSON, 2020).

Somente assim conseguimos visualizar a reparação das feridas coloniais e psicológicas desenvolvidas por homens gays negros em sua relação com o racismo e a homofobia. A cura psicológica só pode acontecer a partir dos processos ancestrais de autocuidado e intercuidado que homens gays negros herdaram de seus ancestrais, como as perspectivas circulares de existir (SANTOS, 2015). E é aqui que chegamos, por fim, à discussão do último conceito descoberto necessário para uma prática clínica histórico-cultural profundamente enraizada na materialidade histórica que consubstancia o desenvolvimento psíquico de homens gays negros, o conceito de processos de cura.

Processos de cura se trata de mais uma categoria de potência, significando aqui as tecnologias ancestrais de cuidado que as populações pretas diaspórica brasileira e nativa africana desenvolveram para sobreviver e existir frente ao genocídio e ao etnocídio cometido pelo homem branco e pela mulher branca (SILVA, 2018). De acordo com Ortega-Williams, Stephens e Henderson (2024), os processos de cura atuam em três perspectivas: memória histórica e coletiva; desenvolvimento emocional; e relação com a terra. Nessa mirada, o processo clínico histórico-cultural com homens gays negros deve promover a construção de pontes funcionais para que esse público se desenvolva de forma integral ao invés

de uma forma mutilada, isto é, marcada pela construção de uma personalidade depreciada e distante dos modos de vida com foco no cuidado ético de si e do outro.

Diferentemente da compreensão biomédica tradicional, no caso de homens gays negros, cura não está relacionada com a ausência de sintomas clínicos, mas com a capacidade de viver de forma ética e estética, o que fortalece o resgate da memória coletiva, o desenvolvimento emocional individual e o ancoramento na relação com meio, com a comunidade (BARTHOLOMEOW; MAGLALANG; HARRIS, 2018). A Psicologia clínica Histórico-Cultural ganha, assim, novas ferramentas teórico-práticas para avançar com a construção de intervenções que estejam em coerência com os princípios fundamentados por Vigotski e seus colaboradores, que se expressam na investigação qualitativa, histórica e social dos processos de desenvolvimento humano, inclusive aqueles relacionados ao adoecimento mental, que, conforme vimos, pode ter raízes psicossociais profundas.

### **Considerações Finais**

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é uma rota teórica e psicoterápica alternativa às psicologias hegemônicas que vem sendo, ao longo das últimas décadas utilizadas, para a atuação frente à saúde mental de grupos minorizados, como homens gays negros. Este estudo revelou que o adoecimento psíquico por que homens gays negros passam é de origem psicossocial. Nesse sentido, percebeu-se que os conceitos da Psicologia Histórico-Cultural, quando relacionados à situação de saúde mental do homem gay negro, aproximam-se da realidade desses sujeitos sem mutilar suas vivências e sem tentativas de compreensão a partir de modelos brancos e heterossexuais. Em seguida, apresentou-se um conjunto de chaves teóricas necessárias ao desenvolvimento de uma clínica histórico-cultural historizada às necessidades e às feridas históricas de homens gays negros. Por fim, entende-se serem necessários estudos que exponham à prova o modelo clínico histórico-cultural no contexto de atendimento a homens gays negros, assim como a relação da clínica histórico-cultural, na prática, com categorias afrocentradas e lgbtcentradas.

## Referências

BARTHOLOMEW, Melissa Wood. W.; HARRIS, Abril.; MAGLALANG, Dale. **A call to healing: Black Lives Matter movement as a framework for addressing the health and wellness of Black women.** *Community Psychology in Global Perspective*, v. 4, n. 2, p. 85-100, 2018. [https://nyuscholars.nyu.edu/ws/portalfiles/portal/567346720/A\\_Call\\_to\\_Healing\\_Black\\_Lives\\_Matter\\_Movement.pdf](https://nyuscholars.nyu.edu/ws/portalfiles/portal/567346720/A_Call_to_Healing_Black_Lives_Matter_Movement.pdf)

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; LIMA, Andie de Castro. **Imaginação e afetividade no uso de desenhos e metáforas como recursos metodológicos em uma perspectiva sócio-histórico-cultural.** *Cadernos CEDES*, v. 44, p. 376-390, 2024. <https://doi.org/10.1590/CC287810>

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUENO, Maria Pimenta. **Museu e colonialidade: a repatriação museológica como instrumento de luta.** *Neiba-Cadernos Argentina-Brasil*, v. 8, p. 1-20, 2019. <https://doi.org/10.12957/neiba.2019.39503>

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2017.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Psicologia Africana e clínica afrocentrada: estratégias e ferramentas metodológicas.** *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 16, n. Edição Especial, p. 1-27, 2023. [10.31418/2177-2770.2023](https://doi.org/10.31418/2177-2770.2023)

COOK, Stephanie; SANDFORT, Theodorus; NEL, Juan.; RICH, Eileen Patricia. **Exploring the relationship between gender nonconformity and mental health among black South African gay and bisexual men.** *Archives of Sexual Behavior*, v. 42, p. 327-330, 2013. <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0087-z>

CROSBY, Richard.; SALAZAR, Laura; MENA, Leandro.; GETER, Angelica. **Associações entre homofobia internalizada e comportamentos sexuais de risco entre jovens negros que fazem sexo com homens.** *Sexually Transmitted Diseases*, v. 43, n. 10, p. 656-660, out. 2016. <https://doi.org/10.1097/OLQ.0000000000000505>

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska Maria. **Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional.** *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 42, p. 317-342, 2022.

DAWSON, Erica.; MENDOZA, Maria.; GAUL, Zaneta; JEFFRIES IV, William.; SUTTON,

Madeline. Y.; WILSON, Patrick. **Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia, and condomless anal sex among black men who have sex with men, New York City.** *PLoS ONE*, v. 14, n. 4, p. e0215455, 2019. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0215455>

ESPINOSA, Baruch. **Ética.** São Paulo: Editora Autêntica, 2009.

FARIAS, Thaíse Mendes; FALCKE, Denise; SERRALTA, Fernanda Barcellos. **Competência multicultural das(os) psicoterapeutas na psicoterapia com pessoas negras.** *Research, Society and Development*, v. 13, n. 12, p. e04131247515-e04131247515, 2024. <https://doi.org/10.33448/rsdv13i12.47515>

FERREIRA, Tiago Alfredo da Silva; SOUZA, Carolina Correia Sales; BARRETO, João Luiz Moura; PEREIRA, Luana Karina dos Santos; ALMEIDA, Rafaela Souza; ROCHA, Raquel de Jesus. **Princípios norteadores para uma prática clínica psicoterápica antirracista.** *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, v. 30, n. 4, p. 619-638, 2022.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo-as distopias do presente.** *Imagofagia*, n. 17, p. 402-424, 2018. <https://imagofagia.asaeca.org/index.php/imagofagia/article/view/225>

GONÇALVES, Alexandra Isabel de Sá; GARCIA-MARQUES, Teresa. **A manifestação aversiva de racismo: Dissociando crenças individuais e crenças culturais.** *Psicologia*, v. 16, n. 2, p. 409-424, 2002. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.486>

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. **Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras.** *Psicologia em Estudo*, v. 24, p. e42738, 2019. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>

HARTMAN, Saidyia. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais.** São Paulo: Fósforo, 2022.

IGNÁCIO, Marcos Vinícius Marques; MATTOS, Rúben Araújo. **O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão.** *Saúde em Debate*, v. 43, p. 66-78, 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S805>

LASAITIS, Cristina. **Aspectos afetivos e cognitivos da homofobia no contexto brasileiro: um estudo psicofisiológico.** 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicobiologia) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEONTIEV, Alexis Nicolaevich. **Atividade, consciência e personalidade.** Buenos Aires: Editora Mireveja, 2021.

LEONTIEV, Alexis Nicolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.

LIMA, Ana Ignez Belém; OLIVEIRA NETO, José da Silva. **Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

LORDE, Audre; HARAWAY, Donna; SPIVAK, Gayatri; ANZALDÚA, Gloria; LAURETIS, Teresa; BUTLER, Judith; CARNEIRO, Sueli. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

LURIA, Alexander Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo: a criança da infância à adolescência**. São Paulo: Ática, 1986.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. **Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros**. 2022. 204f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. O desenho da caminhada terapêutica na perspectiva histórico-cultural: In: LIMA, Ana Ignez Belém; OLIVEIRA NETO, José da Silva. **A práxis na Psicologia clínica Histórico-Cultural: discutindo casos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2025a.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. O papel do psicoterapeuta histórico-cultural, a caminhada terapêutica e a construção do vínculo: In: LIMA, Ana Ignez Belém; OLIVEIRA NETO, José da Silva. **A práxis na Psicologia clínica Histórico-Cultural: discutindo casos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2025b.

OLIVEIRA NETO, José da Silva; LIMA, Ana Ignez Belém. **A práxis na clínica histórico-cultural com casais: um relato de experiência**. *Recima 21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 5, n. 13, pp. 1-18, 2024. <https://doi.org/10.47820/recima21.v6i1.6133>

OLIVEIRA NETO, José da Silva; MOURA JÚNIOR, James Ferreira. **Homofobia internalizada: revisão sistemática de estudos em contextos universitários (2000-2020)**. *Folios*, n. 58, p. 3-16, 2023. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-48702023000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-48702023000200003&script=sci_arttext)

OLIVEIRA NETO, José da Silva; MOURA JÚNIOR, James Ferreira; LIMA, Ana Ignez

Belém, ELOI, Juliana. **A homofobia internalizada como um processo psicossocial: contribuições a partir da Psicologia Histórico-Cultural.** *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 33, p. 1040-1040, 2022. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v33.1040>

ORTEGA-WILLIAMS, Ana; STEPHENS, Tricia; HENDERSON, Zuleka. **Black intergenerational healing and well-being: Reimagining posttraumatic growth.** *American Psychologist*, v. 79, n. 8, p. 1171, 2024. <https://doi.org/10.1037/amp0001302>

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. **A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais.** *Revista da SPAGESP*, v. 21, n. 2, p. 41-54, 2020. <https://www.spagesp.org.br>

PEREIRA, Letícia Aparecida de Góis.; GALONI, Luana Luíza; RIBAS, Grazielly. **O impacto do racismo na saúde mental da infância preta no cenário brasileiro.** *O Social em Questão*, v. 26, n. 56, p. 159-176, 2023. <https://www.redalyc.org/journal/5522/552274743010/552274743010.pdf>

PRESTES, Clélia. **Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras.** *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. Ed. Esp., p. 52-77, 2020.

REY, Fernando González. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Cengage, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. <https://11nq.com/ftOsa>

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significados.** Brasília: Editora UNB, 2015.

SANTOS, Alana Sobrinho; SANTOS, Paloma Nascimento. **Afrofuturismo e ciências: uma revisão bibliográfica em periódicos nacionais e internacionais (2008-2023).** *Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED*, v. 4, n. 11, p. 1-10, 2023. <https://doi.org/10.22481/reed.v4i11.14033>

SILVA, Ana Carolina Barros; CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade e saúde mental da população negra: algumas reflexões políticas e psicanalíticas.** *Psicologia & Sociedade*, v. 35, p. e276440, 2023. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e276440>

SILVA, Emilene Martins. **Heranças da escravidão: da naturalização do racismo institucional ao genocídio da população negra.** *Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, n. 21, p. 91-124, 2018. <https://revista.defensoria.rs.def.br/defensoria/article/view/134>

SHUARE, Marta. **Psicologia soviética: meu olhar**. São Paulo: Terracota Editora, 2017.

SOARES, Marcelo Chaves. **Pensando a consciência coletiva de homens gays: um ensaio para decolonizar o corpo negro**. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 8, n. 16, p. 77-90, 2021. <https://doi.org/10.48074/aceno.v8i16.11672>

TOASSA, Gisele. **Vigotski: notas para uma psicologia geral e concreta das emoções/afetos**. *Cadernos Espinosanos*, n. 30, p. 49- 66, 2014. <https://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/download/83774/86675/0>

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil**. *Tabuleiro de letras*, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>

VEIGA, Lucas. **Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

VEZZOSI, Jean Ícaro Pujol *et al.* **Crenças e atitudes corretivas de profissionais de psicologia sobre a homossexualidade**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe3, p. e228539, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228539>

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia concreta do homem**. *Educação & Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A questão do meio na pedologia**. *Psicologia USP*, v. 21, n. 4, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Sete aulas de LS Vigotski: sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **História do desenvolvimento das funções mentais superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

WATKINS, Mary. **Psychosocial accompaniment**. *Journal of Social and Political Psychology*, v. 3, n. 1, p. 324-341, 2015. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.103>

WOODSON, Ashley. **The Future is Black**. Nova York: Routledge, 2020.

ZEIGARNIK, Bluma Vulfovna. **Introducción a la patopsicología**. Madrid: Editorial

Científico-Técnica, 1979.

ZEIGARNIK, Bluma Vulfovna. **Patopsicología**. Madrid: Akal, 1981.